

A DEFINIÇÃO DE VERDADE EM TOMÁS DE AQUINO: NOTAS SOBRE *DE VERITATE*, 1, 1 E *SUMMA THEOLOGIAE*, I, 16, 1¹

Matheus Pazos (UFRB)^{2,3}

matheuspazos@ufrb.edu.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a definição de verdade em Tomás de Aquino. Para tanto, investigo dois textos em que Tomás discute sobre a definição apropriada da noção de verdade. Além de defender que a manutenção da mesma definição em ambos os textos é algo filosoficamente relevante, pretendo apresentar e discutir os limites de duas opções de leitura divergentes da minha, a saber, a posição teológica de Dewan e a posição transcendental de Aertsen.

Palavras-chave: verdade; Tomás de Aquino; definição; metafísica; *adaequatio*.

I

O *De veritate*, q. 1, a. 1 é considerado um dos textos canônicos sobre as noções gerais do ente, os *communissima* ou, como se habitou denominar pela literatura secundária, os transcendentais.⁴ Nesse texto, mediante uma redução ao princípio mais fundamental apreendido pelo intelecto

¹ Recebido: 15-02-2022/ Aceito: 19-08-2022/ Publicado on-line: 19-08-2022.

² É professor adjunto na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Amargosa, BA, Brasil.

³ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8231-0998>.

⁴ Cf. AERTSEN, 2012, p. 13-34.

humano, Tomás estabelece que o ente afirmado de modo geral é o limite para toda demonstração e definição, tendo por função ser o princípio mais abrangente e que funda os demais princípios.⁵ Ainda nesse texto, Tomás apresenta uma ordenação do ente afirmado de modo geral em uma série de grupos. Dentre esses grupos, consta o modo de se afirmar o ente quando este se relaciona a outro. Nesse grupo, Tomás apresenta, além da noção de ‘algo’ [*aliquid*], as noções de ‘bem’ e ‘verdade’ como expressões desse modo relacional do ente. Nessa classificação, Tomás pressupõe que essas duas noções expressam a relação estabelecida pelo ente a partir da conveniência [*convenientia*] que a alma possui no exercício de duas capacidades, quais sejam, apetitiva e cognoscitiva. Tanto o bem, quanto a verdade são expressões do ente na medida em que a partir do significado dessas noções é possível identificar o aperfeiçoamento do ente em vista de seu fim e o conhecimento do ente a partir da relação expressa entre aquilo que conhece e a coisa conhecida. A *convenientia* e *assimilatio* do ente no ato do conhecimento são, para Tomás, sinônimos do termo *adaequatio*: “Assim a primeira comparação do ente com o intelecto é que o ente concorde com o intelecto, concordância esta que é dita adequação do intelecto e da coisa, e na qual se completa formalmente a razão da verdade.”⁶ Para enfatizar sua tese sobre a definição

⁵ Cf. *De veritate* [doravante citado por DV], q. 1, a. 1, resp.: “Illud autem quod primo intellectus concipit quasi notissimum, et in quod conceptiones omnes resolvit, est ens, ut Avicenna dicit in principio suae metaphysicae. Unde oportet quod omnes aliae conceptiones intellectus accipiuntur ex additione ad ens.” Ver também: ST, I-II, q. 94, a. 2, resp.: “Et ideo primum principium indemonstrabile est quod non est simul affirmare et negare, *quod fundatur supra rationem entis et non entis: et super hoc principio omnia alia fundantur*, ut dicitur in IV Metaphys.” [meu grifo].

⁶ DV, q. 1, a. 1, resp.: “Prima ergo comparatio entis ad intellectum est ut ens intellectui concordet: quae quidem concordia adaequatio intellectus et rei dicitur; et in hoc formaliter ratio veri

mais apropriada à noção de verdade, Tomás apresenta um conjunto de citações extraídas de *auctoritates*:

Segundo isto, a verdade ou o verdadeiro se define de três modos. O primeiro modo segundo aquilo que precede a razão da verdade e no qual o verdadeiro se funda; e como Agostinho define no livro dos Solilóquios: a verdade é aquilo que é; e Avicena em sua Metafísica: a verdade de cada coisa é a sua propriedade que lhe foi estabelecida. E outros sustentam que a verdade é indivisa do ente e daquilo que é. De outro modo se define segundo o modo pelo qual a razão da verdade se completa formalmente. E assim diz Isaac que a verdade é a adequação da coisa e do intelecto e Anselmo em seu Livro sobre a verdade: a verdade é a retidão perceptível só pela mente. Essa retidão se diz segundo certa adequação, e o Filósofo diz no livro IV da Metafísica: quanto a definição da verdade, dizemos que é aquilo que é ou que não é aquilo que não é. O terceiro modo define a verdade pelo efeito consequente, e conforme diz Hilário: o verdadeiro é o que se declara e manifesta o ente. E Agostinho no Livro sobre a verdadeira religião: a verdade é o que mostra o que é. E no mesmo livro: a verdade é aquilo segundo o que julgamos os inferiores.⁷

perficitur.” Para este texto tomásico, utilizo-me sempre da tradução, em preparação, de Márcio A. Damín Custódio e Matheus B. Pazos de Oliveira.

⁷ DV, q. 1, a. 1, resp.: “Secundum hoc ergo veritas sive verum tripliciter invenitur diffiniri. Uno modo secundum illud quod praecedit rationem veritatis, et in quo verum fundatur; et sic Augustinus definit in Lib. Solil.: verum est id quod est; et Avicenna in sua Metaphysic.: veritas cuiusque rei est proprietas sui esse quod stabilitum est ei; et quidam sic: verum est indivisio esse, et quod est. Alio modo definitur secundum id in quo formaliter ratio veri perficitur; et sic dicit Isaac quod veritas est adaequatio rei et intellectus; et Anselmus in Lib. de veritate: veritas est rectitudo sola mente perceptibilis. Rectitudo enim ista secundum adaequationem quamdam dicitur, et philosophus dicit in IV Metaphysic., quod definientes verum dicimus cum dicitur esse quod est, aut non esse quod non est. Tertio modo definitur verum, secundum effectum consequentem; et sic dicit Hilarius, quod verum est declarativum et manifestativum esse; et Augustinus in Lib. de vera Relig.: veritas est qua ostenditur id quod est; et in eodem libro: veritas est secundum quam de inferioribus iudicamus”. Neste trabalho, optei por manter o texto traduzido sem nenhuma referência contemporânea para marcar as citações: aspas, itálico ou grifo. Como bem apontou Calma, os autores medievais possuíam outro modo de marcação (nem sempre padronizados num mesmo autor). Na passagem citada, por exemplo, Tomás lança mão de alguns recursos: (i) nomeação direta ou indireta da fonte a ser citada (nomes próprios, pronomes indeterminados, como é o caso do *quidam* e menção a obra citada); (ii) uso de verbos que assinalam a introdução de um texto citado, a saber, *definit* e *dicit*. Sobre isso, mas privilegiando o modo que Dietrich de Freiberg se utiliza do recurso da citação, ver CALMA, 2010, p. 3-6.

Do conjunto de nove citações explicitamente apresentadas, Tomás subdivide as definições da noção de verdade em três grupos: (i) sobre o fundamento da noção de verdade; (ii) sobre a razão formal mais apropriada à noção de verdade e (iii) sobre o efeito ou consequência da noção de verdade. Nesse quadro geral de definições, no grupo (i), onde Tomás cita Agostinho, Avicena e faz referência a ‘alguns’ [*quidam*], o que certamente aponta para uma citação indireta de um autor que lhe é contemporâneo⁸, evidenciam-se definições que expressam a ligação entre a noção de verdade e a noção de ente, na medida em que este serve de fundamentação para o discurso verdadeiro. Ademais, o grupo (iii), com outras duas citações explícitas de Agostinho e uma de Hilário, aponta para outro aspecto específico da noção de verdade, qual seja, a consequência do discurso verdadeiro, na medida em que este deve expressar um tipo de conhecimento que faz referência ao ser daquilo que é conhecido e que foi resultado ou efeito do conhecimento. O grupo (ii), por sua vez, destaca o que seria mais formalmente apropriado numa definição da noção de verdade. Nesse grupo, Tomás cita uma definição atribuída a Isaac Israeli, na qual se contempla tanto a fundamentação da noção de verdade pelo ente, quanto a consequência de certo tipo de conhecimento que pode ser classificado como verdadeiro. Nesse contexto, a citação de Isaac a partir da fórmula “*adaequatio rei et intellectus*” cumpre a função de expressar os dois aspectos que são assinalados isoladamente nos demais grupos de citações. Além dessa citação, Tomás justifica que

⁸ Para uma hipótese em torno da autoria dessa definição em DV, q, 1, a. 1, ver AERTSEN, 1996, p. 244-246.

tanto a definição de verdade extraída de Anselmo quanto a referência a Aristóteles devem ser lidas como outros modos para se expressar a adequação – ou relação – existente entre aquilo que se conhece e aquilo que é conhecido.

Esse modelo classificatório das citações de *auctoritates* também ocorre na *Summa Theologiae*, I, q. 16, a. 1. Embora esse texto de maturidade não possua uma discussão sobre as noções gerais do ente antecedendo à exposição de citações sobre a noção de verdade,⁹ é possível identificar um propósito similar ao que foi estabelecido em *De veritate*, q. 1, a. 1. No texto da *Summa Theologiae*, Tomás escreve:

E pelo que se estabeleceu, a verdade é reconhecida de diversos modos. Assim, Agostinho no livro Sobre a verdadeira religião diz que a verdade é aquilo pelo qual se mostra o que é. E Hilário diz que o verdadeiro é declarativo e manifestativo do ser. O que pertence à verdade enquanto está no intelecto. No que concerne à verdade da coisa segundo ordenada ao intelecto, aplica-se a definição de Agostinho no livro Sobre a verdadeira religião: A verdade é a semelhança máxima do princípio, a qual não possui nenhuma dessemelhança. E uma definição de Anselmo: a verdade é a retidão perceptível só pela mente; uma vez que reto é o que concorda com o princípio. E uma definição de Avicena: a verdade de cada coisa é a sua propriedade que lhe foi estabelecida. Porém, quando se diz que a verdade é a adequação da coisa e do intelecto, essa definição pode convir tanto a um, quanto ao outro modo.¹⁰

⁹ Em vez da fundamentação da noção de verdade ser construída a partir da tese de convertibilidade da noção de verdade e da noção de ente, em *Summa Theologiae* [doravante ST], I, q. 16, a. 1, Tomás almeja expressar um critério mais amplo de fundamentação: trata-se, a partir da noção de verdade, de explicitar que as coisas naturais ou o mundo criado possuem uma ordenação inteligível, tendo o intelecto divino como princípio: “res naturales dicuntur esse verae, secundum quod assequuntur similitudinem specierum quae sunt in mente divina, dicitur enim verus lapis, qui assequitur propriam lapidis naturam, secundum praeconceptionem intellectus divini.” (ST, I, q. 16, a. 1, resp.).

¹⁰ ST, I, q. 16, a. 1, resp. [trad. CORREA, modificada]: “Et secundum hoc, veritas diversimode notificatur. Nam Augustinus, in libro de vera Relig., dicit quod veritas est, qua ostenditur id quod est. Et Hilarius dicit quod verum est declarativum aut manifestativum esse. Et hoc pertinet ad veritatem secundum quod est in intellectu. Ad veritatem autem rei secundum ordinem ad

No texto da *Summa Theologiae*, Tomás mantém a definição da verdade a partir da fórmula “adequação da coisa e do intelecto” como sendo a mais apropriada ou, nesse contexto, como a definição que contempla os critérios apresentados a partir das demais definições citadas. Com efeito, apesar da redução do número de citações se compararmos com o *De veritate*, q. 1, a. 1, o propósito geral de Tomás é o mesmo. Ao mobilizar uma série de citações que contemplam aspectos isolados da noção de verdade, mostra-se que a definição de verdade como “*adaequatio rei et intellectus*” contempla todos esses aspectos e, por isso, deve ser adotada como a mais apropriada. O arranjo das citações e a própria classificação depende da estratégia pela qual o autor deseja justificar alguma tese que, por vezes¹¹, lhe é própria. Nesse caso, Tomás lança mão da definição de verdade como “*adaequatio*” para ler as demais definições e apresentar suas possíveis debilidades quando comparadas a mais formalmente apropriada.

II

A discussão sobre os dois textos tomásicos lidos em conjunto encontra um espaço pontual na literatura secundária. Trata-se da publicação de um artigo de Dewan,

intellectum, pertinet definitio Augustini in libro de vera Relig., veritas est summa similitudo principii, quae sine ulla dissimilitudine est. Et quaedam definitio Anselmi, veritas est rectitudo sola mente perceptibilis; nam rectum est, quod principio concordat. Et quaedam definitio Avicennae, veritas uniuscuiusque rei est proprietas sui esse quod stabilitum est ei. Quod autem dicitur quod veritas est adaequatio rei et intellectus potest ad utrumque pertinere.”

¹¹ Cf. sobre esse ponto, o modo peculiar de uso das citações desde, ao menos, a obra de Alberto Magno: DE LIBERA, 1984, p. 25-27.

intitulado *Is Truth A Transcendental for St. Thomas Aquinas?*, de 2004, e a resposta de Aertsen intitulada *Is Truth Not a Transcendental for Aquinas?*, publicada em 2007. Nesses trabalhos, como se observa pelos títulos, a ênfase encontra-se na possibilidade ou impossibilidade de se caracterizar a noção de verdade como uma noção geral do ente. Meu interesse neles não reside apenas na resposta positiva ou negativa ao aspecto transcendental da noção de verdade. O que vale ser destacado no debate entre Dewan e Aertsen consiste na apresentação que esses dois intérpretes realizam dos dois textos que são objeto da presente tese. Para justificar, portanto, a resposta à pergunta que intitula ambos artigos, faz-se necessário, para esses intérpretes, oferecer alternativas de leitura para *De veritate*, q. 1, a. 1 e *Summa Theologiae*, I, q. 16, a. 1 lidos em conjunto. A leitura de Dewan, doravante intitulada como “leitura teológica”, sustenta haver uma mudança de opinião e mesmo uma correção por parte de Tomás entre sua posição no *De veritate* e na *Summa Theologiae*. A leitura de Aertsen, doravante intitulada “leitura transcendental”, defende que Tomás mantém como tese principal o aspecto transcendental da noção de verdade nos dois textos considerados. Mudança de opinião ou manutenção de uma mesma posição? Antes de oferecer uma alternativa de leitura que julgo ser mais próxima ao intuito de Tomás nos dois textos, apresentarei sucintamente os tópicos considerados por ambos os intérpretes para sustentar seus modos de leitura.

Dewan é categórico em sua leitura dos dois textos de Tomás. De acordo com esse intérprete, Tomás muda de opinião entre a redação de *De veritate* e da *Summa Theologiae*:

Meu ponto é que Tomás, na *Summa Theologiae*, revisou sua apresentação da verdade [em *De veritate* 1, 1]. (...) Podemos falar das coisas naturais nelas mesmas como ‘verdadeiras’, quando estas se encontram relacionadas com o intelecto divino. No entanto, este modo de dizer não implica uma forma intrínseca chamada ‘verdade’, *nem mesmo uma identificação com a entidade*. Ao invés disso, as coisas são chamadas ‘verdadeiras’ em virtude da verdade divina.¹²

Um aspecto importante na leitura de Dewan encontra-se no papel desempenhado pelo intelecto divino e a relação estabelecida entre este e as coisas naturais. Por essa razão, denomino essa leitura de teológica, uma vez que, para Dewan, o texto de maturidade, isto é, a *Summa Theologiae*, corrige o texto de *De veritate* ao enfatizar a função do intelecto divino no estabelecimento de uma definição apropriada da noção de verdade.

O primeiro ponto da crítica empreendida por Dewan consiste na ordem de tratamento das questões contidas nos dois textos. Para esse intérprete, *De veritate*, q. 1 possui a seguinte ordem de consideração: *veritas*, *scientia* e *idea*. Entretanto, na *Summa Theologiae*, I, q. 16 a ordem considerada por Tomás é a seguinte: *scientia*, *idea* e *veritas*.¹³ Com efeito, o texto da *Summa Theologiae*, I, q. 16, a. 1 encontra-se inserido num bloco de questões que versa sobre a noção de *idea* atribuída à divindade e esse fato deve ser considerado quando da leitura do texto de maturidade. Entretanto, a leitura de Dewan procura ressaltar demasiadamente um aspecto corretivo do texto de maturidade em vista do que fora estabelecido em *De veritate*,

¹² DEWAN, 2004, p. 16 [grifo do autor].

¹³ Cf. DEWAN, 2004, p. 1-2.

q. 1, a. 1. Para esse intérprete, não se trata de dois expedientes teóricos distintos nos dois textos, mas uma mudança de opinião tendo em vista desautorizar a caracterização da noção de verdade como uma noção geral do ente na fase tardia do pensamento de Tomás.

Para atestar sua interpretação, Dewan destaca que o escopo tomásico, em *De veritate*, q. 1, a. 1, recai na noção de verdade atribuída às coisas naturais quando se relacionam com o intelecto humano. Nessa perspectiva, Dewan sustenta que o texto de *De veritate* é comumente lido como sendo um atestado do reconhecimento intelectual do ente presente nas coisas naturais. Trata-se, nesse caso, de uma discussão que privilegia uma relação entre o ente como causa do conhecimento e o intelecto humano que se encontra em relação com o ente. A definição da noção de verdade estaria, portanto, ordenada a uma discussão sobre as propriedades do ente e o modo segundo o qual o intelecto humano apreende essas propriedades. Ainda sobre *De veritate*, q. 1, a. 1, Dewan escreve:

Onde se poderia “localizar” a verdade nessa discussão? Na ordem das concepções, que é o modo básico de investigação de Tomás nesse artigo, pela qual se considera a verdade como uma adição ao modo geral do “ente”, isto é, como uma concepção de adição da concordância do ente e do intelecto. O esquema explanatório que Tomás introduz é definitivamente das coisas apresentando uma semelhança destas na alma: uma semelhança que resulta no conhecimento. A natureza da verdade, apropriadamente, é localizada na semelhança. Esta semelhança está claramente no que conhece e é anterior ao conhecimento.¹⁴

¹⁴ DEWAN, 2004, p. 6 [aspas do autor].

Como se percebe na passagem supracitada, Dewan se preocupa em ler *De veritate*, q. 1, a. 1 a partir do problema da “localização” da verdade: a verdade encontra-se, propriamente, na coisa ou no intelecto? De acordo com esse intérprete, Tomás apresenta um esquema explanatório que resulta numa definição de verdade dependente da identificação do ente nas coisas naturais. A verdade encontrar-se-ia, portanto, nas coisas naturais e seria identificada a partir da semelhança das coisas existente na alma ou no intelecto humano. Trata-se, nesse ponto, de um exagerado relevo a um dos constituintes da definição apropriada da noção de verdade. Em última instância, Dewan atribui à ‘coisa’ um papel preponderante na definição de verdade encontrada em *De veritate*, q. 1, a. 1.¹⁵

Na leitura de Dewan, o esquema explanatório de *De veritate*, q. 1, a. 1 será abandonado por Tomás na *Summa Theologiae*, I, q. 16, a. 1. Além da mudança na ordem de apresentação, não se identifica, nesse texto, uma ênfase na noção de ‘coisa’. De acordo com Dewan, o destaque conferido por Tomás está na noção de ‘intelecto’ e, especificamente, no intelecto divino. Ao considerar o texto de maturidade, Dewan destaca que o rol de citações sofre uma mudança considerável entre os dois textos: “O tratamento das definições segue, cuidadosamente, uma nova abordagem, eliminando qualquer referência à “verdade” dita das coisas naturais relacionadas ao intelecto humano”¹⁶. Do

¹⁵ Trata-se, como o próprio Dewan reconhece, da ênfase na “verdade ontológica”. Essa nomenclatura, comumente utilizada por certa literatura secundária mais clássica, não é considerada nesses termos por Tomás em *De veritate*, q. 1, a. 1. Cf. DEWAN, 2004, p. 2-5. Sobre a expressão “verdade ontológica”, ver WIPPELL (1989).

¹⁶ DEWAN, 2004, p. 14.

conjunto de citações mobilizadas em *De veritate*, q. 1, a. 1, o grupo de citações que fazem referência à ‘coisa’ pertencerão a outro grupo na redação da *Summa Theologiae*, I, q. 16, a. 1.¹⁷ A nota característica do texto de maturidade passa a ser a relação das coisas ao intelecto que é, nesse texto, o princípio da verdade. Ademais, as coisas encontram-se ordenadas ao intelecto divino como ao seu princípio. Nesse ponto específico, Dewan sustenta que mesmo a definição da verdade como “adequação da coisa e do intelecto” não deve ser lida com as mesmas preocupações apresentadas em *De veritate*, q. 1, a. 1: “(...) Essa definição [adequação da coisa e do intelecto] pode se referir à verdade no intelecto ou à verdade da coisa relacionada ao intelecto como para com o princípio; claramente, não se trata da definição chave presente em *De veritate* 1.1”¹⁸.

Ao destacar que a noção de intelecto é a chave de leitura na *Summa Theologiae*, Dewan acredita que Tomás não leva mais em consideração o aspecto transcendental da noção de verdade no texto de maturidade. Com isso, esse intérprete sustenta que a fundamentação da noção de verdade depende, tão somente, da noção de intelecto e, em última instância, as coisas são ditas verdadeiras de modo secundário, quando relacionadas ao intelecto divino que as concebe como ideias. Nessa perspectiva, Dewan conclui seu artigo com uma provocação ao intérprete que destaca a chave transcendental como modo apropriado de leitura da noção de verdade em Tomás:

¹⁷ Cf. DEWAN, 2004, p. 13-14.

¹⁸ DEWAN, 2004, p. 14.

Tudo isso serve para sublinhar que a verdade está na mente e não nas coisas. Quando eu apresentei essa perspectiva de mudança na doutrina para meu amigo Jan Aertsen, ele protestou porque a verdade não seria mais um “transcendental”. E daí? Eu disse a ele, e continuo acreditando, que a verdade pode ser um “transcendental lógico”. Afinal, os transcendentais assim são denominados porque transcendem as categorias aristotélicas. A doutrina das categorias pertence à lógica, mas também é utilizada na metafísica. Não deve ser digno de surpresa que alguns predicados transcendentais possuam maneiras diferentes de verificação que outros.¹⁹

A provocação acima citada mostra claramente o intuito geral da leitura de Dewan. Enfraquecer a importância do texto de *De veritate*, q. 1, a. 1 quando lido em conjunto com *Summa Theologiae*, I, q. 16, a. 1, uma vez que a comparação entre os textos explicita que a noção de verdade em Tomás não é, no decorrer de sua obra, uma noção geral do ente ou um transcendental no domínio da metafísica. Nessa medida, ao sustentar que é possível realizar uma distinção entre predicados transcendentais no domínio da lógica e no domínio da metafísica, Dewan acena para a possibilidade de uma ausência de sistematização das noções gerais do ente presente em *De veritate*, q. 1, a. 1. Ademais, o uso dessas noções deve ser avaliado tendo em vista outras obras de Tomás, uma vez que, de acordo com essa leitura, não é possível verificar uma utilização metafísica de todas as noções apresentadas por Tomás em *De veritate*. Assim, de acordo com a leitura de Dewan, Tomás não apenas mudou de opinião, mas também mudou de pressuposto para se discutir a noção de verdade, abandonando aquilo que se encontra

¹⁹ DEWAN, 2004, p. 17.

em *De veritate*. A provocação de Dewan foi respondida por Aertsen.

No texto *Is Truth Not a Transcendental for Aquinas?*, Aertsen tem como meta responder ao texto de Dewan. Com esse intuito, ele toma como ponto de partida a provocação acima citada. Num primeiro momento, a preocupação de Aertsen consiste em precisar os “vários modos”²⁰ em que a noção de verdade pode ser considerada na obra tomásica. Para Aertsen, é possível sustentar tanto o aspecto lógico da noção de verdade, quanto o aspecto metafísico dessa noção. Entretanto, à diferença da leitura de Dewan, Aertsen sustenta haver uma continuidade entre os dois textos tomásicos lidos em conjunto, isto é, Tomás não abandonou ou revisou a posição estabelecida em *De veritate*, mas permaneceu garantindo à noção de verdade sua característica transcendental num registro metafísico: “(...) A principal característica do tratamento tomásico da verdade em *De veritate* – sua consideração de que a verdade é uma propriedade transcendental do ente – não é abandonada na *Summa theologiae*. A transcendentalidade de *verum* forma um momento contínuo em sua metafísica”²¹.

Em primeiro lugar, Aertsen destaca em que sentido pode-se afirmar o aspecto transcendental da noção de verdade num registro lógico. De acordo com esse intérprete, é preciso reconhecer que Tomás não reservou um espaço em sua obra para sistematizar as noções gerais do ente numa perspectiva lógica. Entretanto, Aertsen procura associar o tratamento que Tomás confere à lógica e a metafísica quando

²⁰ AERTSEN, 2007, p. 4.

²¹ AERTSEN, 2007, p. 4.

estas ciências consideram o que é ‘comum’, isto é, quando possuem como campo de investigação o ente dito de modo geral. Trata-se, neste caso, de uma análise que considera a lógica como uma ciência semelhante à metafísica, na medida em que ambas têm como *subiectum* o ente. A diferença, contudo, encontra-se naquilo em que se considera o ente enquanto ‘comum’. A lógica trata do ente de razão, conquanto a metafísica considere o ente natural. Nessa perspectiva, quando a lógica investiga os entes de razão ou as “intenções da razão” pode-se considerar que essas intenções são transcendentais lógicos, uma vez que é possível aplicá-las a todas as categorias.²²

O preâmbulo de comparação entre a lógica e a metafísica serve para que Aertsen destaque uma das citações mobilizadas por Tomás em *De veritate*, q. 1, a. 1 e na *Summa Theologiae*, I, q. 16, a. 1. Trata-se, no entanto, da citação de uma passagem da *Metafísica* de Aristóteles que está localizada no *sed contra* de ambos os textos e que serve a Tomás como um argumento contrário à tese da “localização” da verdade nas coisas:

Dewan sustenta que o verdadeiro (*verum*) também pertence à lista de *communia* lógicos e o faz com razão. Como um fio escarlate, a ideia básica que percorre a discussão de Tomás sobre a verdade consiste no lugar da verdade ser o intelecto. Em sua consideração da verdade tanto em *De veritate* quanto na *Summa theologiae*, Tomás cita um texto extraído do livro VI da *Metafísica* de Aristóteles (c. 4, 1027b 25) para o efeito de que “como o bem e o mal, verdade e falsidade não existem nas coisas, mas na mente”. Essa tese constitui um obstáculo

²² Cf. AERTSEN, 2007, p. 4-5.

formidável para qualquer consideração metafísica da transcendentalidade da verdade.²³

Num primeiro momento, um aspecto da leitura empreendida por Dewan é confirmado por Aertsen. A verdade pode ser uma noção investigada no domínio da lógica. Com efeito, se a consideração da verdade tem em vista o problema do *locus*, é preciso identificar no intelecto a possibilidade de se reconhecer e adquirir conhecimento. E isto, de acordo com Aertsen, confirma a tese segundo a qual a verdade é o resultado da assimilação daquilo que se conhece com o intelecto que, naturalmente, conhece: “(...) Na medida em que a verdade e a falsidade estão na mente, a consideração de ambas é tarefa própria ao lógico”²⁴. Contudo, o alcance da investigação lógica não contempla todos os aspectos de um exame sobre a noção de verdade, especificamente, no *De veritate* e na *Summa Theologiae*. O *sed contra* citado é um obstáculo que, na leitura de Aertsen, foi superado por Tomás a partir de uma investigação metafísica da noção de verdade. Nessa medida, Aertsen sustenta que o exame lógico da verdade é possível, porém não é suficiente e, principalmente, não inviabiliza um exame do aspecto transcendental da verdade a partir de um registro metafísico.

Para atestar sua tese, Aertsen destaca a ordem de apresentação de *Summa Theologiae*, I, q. 16. Utilizando-se desse artifício, procura enfatizar, contra Dewan, que Tomás sustenta o aspecto transcendental da verdade num registro metafísico no terceiro artigo da referida questão:

²³ AERTSEN, 2007, p. 5.

²⁴ AERTSEN, 2007, p. 7.

Após responder afirmativamente as questões sobre se a verdade está apenas no intelecto (a. 1) e se está apenas no intelecto compondo e dividindo (a. 2), Tomás discute no terceiro artigo a convertibilidade do “verdadeiro” com o “ente”. O que se torna surpreendente é que para esta ideia Tomás novamente apela para a *Metafísica* de Aristóteles. À maneira de um contra-argumento diante de objeções que sugerem a impossibilidade do ente e do verdadeiro serem convertíveis ao ente porque a verdade está apenas no intelecto, ele cita uma posição no livro II da *Metafísica* (c. 1): “Há a mesma disposição das coisas no ente e na verdade”²⁵

Interessante notar que a partir de uma ampliação de escopo em sua análise, Aertsen não sustenta sua leitura da *Summa Theologiae*, I q. 16 baseado no primeiro artigo, mas sim no terceiro. A partir desse extrato textual, ele associa o critério de convertibilidade presente nesse texto com aquilo que Tomás estabelecera em *De veritate*, q. 1, a. 1. É sintomático que o desenvolvimento da resposta a Dewan passa a ser pautado a partir de *Summa Theologiae*, I, q. 16, a. 3. Isso porque Aertsen considera não haver incompatibilidade entre os dois registros de investigação da noção de verdade. Nessa medida, é possível conceder a Dewan, por um lado, que o tópico considerado no artigo primeiro se trata de uma investigação mais próxima à perspectiva lógica e, por outro lado, pode-se considerar o artigo terceiro como o atestado de uma investigação pautada no critério de convertibilidade entre as noções de ente e verdadeiro. Ademais, Tomás mobiliza citações da *Metafísica* de Aristóteles para amparar ambas as perspectivas de investigação. É curioso e digno de nota recordar que Aertsen preocupa-se em chamar atenção para as citações de passagens

²⁵ AERTSEN, 2007, p. 7.

de Aristóteles que não são consideradas diretamente por Tomás no rol de citações presente em *De veritate*, q. 1, a. 1 e *Summa Theologiae*, I, q. 16, a. 1. Nesse contexto, Aertsen, à diferença de Dewan, passa ao largo das citações de definições de verdade mobilizadas por Tomás, uma vez que a ele interessa recordar a Dewan a diversidade de modos em que Tomás considera a noção de verdade, mesmo que o faça em uma mesma questão:

O procedimento de Tomás ao lidar com a concepção ontológica da verdade sugere que ele não parece ver as duas concepções como incompatíveis. Ele não apela, como era de se esperar, à definição de verdade de Agostinho (“a verdade é aquilo que é”), mas apela a Aristóteles. Uma estratégia deliberada pode sublinhar esta escolha. Ao considerar especificamente o mesmo filósofo, que sustenta ser o intelecto o lugar da verdade, Tomás sugere que as duas concepções de verdade estão associadas.²⁶

Para a leitura de Aertsen, importa sublinhar que o propósito de Tomás em *De veritate*, q. 1, a. 1 é mantido na *Summa Theologiae*, I, q. 16. Nessa perspectiva, ao considerar mais artigos da questão da *Summa Theologiae*, ele concede a Dewan a possibilidade de se ler o artigo primeiro a partir da consideração lógica dos transcendentais, isto é, tomando o intelecto como referência e *locus* da verdade. Ademais, ao se utilizar do artigo terceiro dessa mesma questão, procura sustentar que a motivação metafísica que constitui o interesse principal de Tomás em *De veritate*, q. 1, a. 1 encontra um paralelo na *Summa Theologiae*. De acordo com Aertsen, o que a leitura dos dois textos mostra é a perspectiva

²⁶ AERTSEN, 2007, p. 9.

transcendental presente em dois registros de investigação. Mesmo quando não pressupõe a reflexão metafísica dos transcendentais, Tomás continua entendendo a noção de verdade como uma propriedade geral do ente a partir da consideração lógica.

III

A partir do que se apresentou nas seções anteriores, é possível identificar uma semelhança presente em *De veritate*, q. 1, a. 1 e *Summa Theologiae*, I, q. 16, a. 1. Nos dois textos, Tomás opta pela definição de verdade como “adequação da coisa e do intelecto”, sustentando que esta é a definição que cumpre apropriadamente as condições para a se afirmar em que consiste a noção de verdade. Em ambos os textos, a escolha por essa definição encontra-se inserida num conjunto de citações extraídas de *auctoritates*.

Do conjunto das citações mobilizadas nos dois textos, é possível notar uma redução das citações mobilizadas por Tomás na *Summa Theologiae*. Entretanto, apenas uma citação de Agostinho é substituída. A definição “*veritas est adaequatio rei et intellectus*” é mantida literalmente nos dois textos. Em *De veritate*, q. 1, a. 1, Isaac Israeli é explicitamente mencionado como o autor da definição. Na *Summa Theologiae*, I, q. 16, a. 1, por sua vez, não há menção explícita de autoria, mas esta definição aparece por último na apresentação de citações, cumprindo a função de ser a síntese daquilo que se discutiu ao mobilizar as citações. Apesar de não constar como a última citação apresentada em *De*

veritate, q. 1, a. 1, Tomás confere a esta citação um papel central no argumento para definir ou apresentar as condições formais da noção de verdade. Em *De veritate*, q. 1, a. 1, Tomás escreve:

O nome verdade exprime a conveniência [*convenientiam*] do ente verdadeiro ao intelecto. Portanto, toda cognição é completa pela assimilação [*per assimilationem*] pelo cognoscente da coisa conhecida; eis que a assimilação é dita causa da cognição, assim como a visão conhece a cor pela disposição da espécie da cor. Assim a primeira comparação [*comparatio*] do ente com o intelecto é que o ente concorde [*concordet*] com o intelecto, concordância esta que é dita adequação [*adaequatio*] do intelecto e da coisa, e na qual se completa formalmente a razão da verdade. Eis, pois, como a verdade adiciona ao ente, ou seja, a conformidade ou adequação da coisa e do intelecto. Conforme dito, a esta conformidade segue-se o conhecimento da coisa.²⁷

A passagem supracitada antecede a apresentação do conjunto de citações mobilizado em *De veritate*, q. 1, a. 1. Tomás apresenta alguns critérios a partir dos quais a noção de verdadeiro deve ser formalmente compreendida. Em primeiro lugar, destaca-se que a noção de verdadeiro tem por pressuposto um ato de conhecimento. De acordo com Tomás o ato de conhecimento envolve dois elementos, a saber, o cognoscente e a coisa conhecida. O conhecimento se efetiva e, conseqüentemente, tem-se a noção de verdadeiro

²⁷ DV, q. 1, a. 1, resp.: “*Convenientiam vero entis ad intellectum exprimit hoc nomen verum. Omnis autem cognitio perficitur per assimilationem cognoscentis ad rem cognitam, ita quod assimilatio dicta est causa cognitionis: sicut visus per hoc quod disponitur secundum speciem coloris, cognoscit colorem. Prima ergo comparatio entis ad intellectum est ut ens intellectui concordet: quae quidem concordia adaequatio intellectus et rei dicitur; et in hoc formaliter ratio veri perficitur. Hoc est ergo quod addit verum super ens, scilicet conformitatem, sive adaequationem rei et intellectus; ad quam conformitatem, ut dictum est, sequitur cognitio rei.*”

quando estes dois elementos se relacionam. A relação entre o cognoscente e a coisa conhecida é evidenciada a partir dos seguintes termos: conveniência [*convenientia*]; assimilação [*assimilationem*], concordância [*concordantia*] e, por fim, adequação [*adaequatio*]. Todos esses termos são apresentados como notas características da noção de verdade. Para Tomás, a expressão formal mais apropriada da noção de verdade consiste na relação existente entre aquilo que se conhece, isto é, a coisa ou o ente identificado na coisa e o que conhece, ou seja, o intelecto ou o cognoscente. A ênfase, portanto, encontra-se na relação ou adequação existente entre os dois elementos. Nesse momento, a preocupação de Tomás não se encontra restrita a uma discussão sobre o *locus* do verdadeiro. Aquilo que se demarca é a apresentação mais completa e, por isso, mais apropriada para expressar em que consiste a atividade do conhecimento dito verdadeiro. É nesse sentido que o destaque à noção de adequação, assim como aos termos que lhe são correlatos, deve ser entendido nessa passagem e na apresentação posterior das citações. Sem a relação estabelecida entre aquilo que se conhece e o que conhece não se efetiva formalmente a verdade, porque não se efetiva, em absoluto, o conhecimento.

Na *Summa Theologiae*, a ênfase nesse tipo de relação é apresentada por Tomás, num primeiro momento, utilizando-se de termos que resguardam o mesmo sentido dos termos apresentados em *De veritate*, q. 1, a.1. Na *Summa Theologiae*, I, q. 16, a. 1, Tomás escreve o seguinte:

Do mesmo modo, o verdadeiro, estando no intelecto, enquanto este se conforma com a coisa inteligida [*secundum quod conformatur rei intellectae*], necessariamente a noção de verdade deriva para essa coisa,

de maneira que também esta se chama verdadeira, enquanto se ordena [*secundum quod habet aliquem ordinem ad intellectum*], de certo modo, para o intelecto.²⁸

Embora seja possível identificar a ênfase dada por Tomás à noção de intelecto, sublinhando, inclusive, o papel do intelecto divino e das coisas naturais como semelhanças das ideias divinas²⁹, Tomás não deixa de destacar o mesmo aspecto assinalado em *De veritate*, q. 1, a. 1. Para se expressar a noção de verdade é preciso estabelecer a relação entre os dois elementos: o intelecto e a coisa. No contexto da *Summa Theologiae*, os termos que, num primeiro momento, demarcam esse tipo de relação são: conformar e ordenar. Com esses termos, Tomás mostra que não apenas o intelecto deve ser considerado ao se expressar em que consiste a noção de verdade. É preciso, portanto, haver uma conformidade do intelecto com a coisa intelegida, assim como a coisa intelegida encontra-se, no processo de conhecimento verdadeiro, ordenada ao intelecto que a conhece. Nessa perspectiva, Tomás afirma ainda no texto da *Summa Theologiae* aqui considerado: “(...) uma coisa é considerada verdadeira, absolutamente falando, quando se ordena para o intelecto, do qual depende”.³⁰ Com efeito, há uma dependência da coisa a ser conhecida ao intelecto que a conhece. Apenas um dos elementos da relação não expressa, de acordo com Tomás, o conhecimento verdadeiro. A

²⁸ ST, I, q. 16, a. 1, resp. [trad. CORREA, modificada]: “Ita, cum verum sit in intellectu, secundum quod conformatur rei intellectae, necesse est quod ratio veri ad rem intellectam derivetur, ut etiam intellecta vera dicatur, secundum quod habet aliquem ordinem ad intellectum”.

²⁹ Sobre este ponto, ver PAZOS (2018).

³⁰ ST, I, q. 16, a. 1, resp. [trad. CORREA, modificada]: “(...) Unde unaquaeque res dicitur vera absolute secundum ordinem ad intellectum a quo dependet.”

ordenação da coisa conhecida com o intelecto que é seu princípio mostra como, do ponto de vista do elemento ‘coisa’, efetiva-se a relação com o intelecto e, assim, tem-se o conhecimento verdadeiro. O ato de conformidade do intelecto com a coisa conhecida, por sua vez, demarca a relação estabelecida levando em consideração o tipo de relação do intelecto com a coisa conhecida. De acordo com Tomás, a utilização dos dois atos, ordenar e conformar, expressa o que se encontra afirmado na definição de verdade que “pode convir a um e outro modo”³¹, qual seja, a definição de verdade como “adequação da coisa e do intelecto”, estabelecendo, assim, na definição de verdade, os dois itens que Tomás enfatiza serem característicos para uma definição apropriada da noção de verdade e daquilo que essa noção expressa. A consideração da relação existente entre os dois elementos constituintes do conhecimento verdadeiro se mantém, portanto, no texto da *Summa Theologiae*, uma vez que tanto a ordenação da coisa ao intelecto quanto a conformidade do intelecto com a coisa não negligenciam a relação estabelecida entre os dois elementos, mas os consideram em conjunto, mesmo que a ênfase no ato de ordenar seja com relação à coisa e o ato de conformar sirva para explicar como o intelecto se relaciona com a coisa inteligida.

A importância conferida ao intelecto divino e a relação estabelecida entre este e as coisas naturais como semelhanças das ideias divinas não coloca em xeque a escolha da definição de verdade como adequação da coisa e do intelecto. Isso

³¹ ST, I, q. 16, a. 1, resp.: “Quod autem dicitur, quod veritas est adaequatio rei et intellectus, potest ad utrumque pertinere”.

porque, mesmo nesse expediente específico, Tomás ainda se utiliza de uma apresentação que resguarda a importância dos dois elementos constituintes da definição de verdade: (i) intelecto divino e (ii) coisas naturais (entendidas como semelhanças das ideias divinas).

Quando comparados, os dois textos de Tomás elucidam o relevo da minha leitura acerca da definição mais apropriada: tanto em *De veritate*, q. 1, a. 1 quanto na *Summa Theologiae*, I, q. 16, a. 1, Tomás opta por manter a definição de verdade como adequação da coisa e do intelecto, porque esta definição serve para diversos expedientes teóricos. Nessa perspectiva, a ênfase em ambos os textos se encontra no aspecto relacional demarcado pelo termo *adaequatio*, uma vez que, para Tomás, a noção de verdade é expressa a partir da relação existente entre aquilo que se conhece e o que conhece.

Levando em consideração a “leitura teológica” e a “leitura transcendental” acima apresentadas, é possível afirmar que a interpretação de Dewan está correta quando afirma haver uma mudança de opinião entre o *De veritate* e a *Summa Theologiae*. Esta mudança, no entanto, não se encontra na discussão sobre a noção de verdade, mas sim nos pressupostos metafísicos apresentados nos dois textos. Tomás, com efeito, apresenta uma sistematização das noções gerais do ente em *De veritate*, q. 1, a. 1 e, nesse texto, a noção de verdade é considerada uma noção geral de tipo relacional. Ademais, na *Summa Theologiae*, I, q. 16, a. 1, o pressuposto metafísico torna-se a discussão da relação existente entre o intelecto divino e as coisas naturais, compreendidas como semelhanças das ideias divinas. Este texto encontra-se

inserido num bloco de questões em que Tomás discute o estatuto da inteligência divina e seu modo de operação. Contudo, a mudança de pressupostos não apresenta uma correção por parte de Tomás acerca do estatuto da noção de verdade. Nesse sentido, Aertsen está correto ao ressaltar que, na *Summa Theologiae*, I, q. 16, a. 3, a convertibilidade entre ente e verdadeiro é considerada por Tomás e esse extrato textual é um paralelo com aquilo que se estabeleceu em *De veritate*, q. 1, a. 1. A “leitura transcendental” encontra, porém, outro problema. Aertsen negligencia o texto no qual Tomás discute o rol de definições e não valoriza o papel da discussão sobre o intelecto divino relacionado com as coisas naturais. Dito de outro modo: Aertsen fortalece sua interpretação baseando-se no artigo terceiro da questão 16. Além disso, concede a Dewan a possibilidade de se trabalhar com um duplo registro de investigação transcendental da noção de verdade, a saber, o registro lógico e o registro metafísico, num texto em que Tomás não aponta explicitamente para essa possibilidade.

Ambos os intérpretes passam ao largo de uma análise detida da semelhança encontrada nos dois textos considerados. A opção tomásica pela definição de verdade como “adequação da coisa e do intelecto” não é trivial. Pelo contrário, serve para mostrar a ênfase que Tomás confere ao aspecto relacional da noção de verdade e ao alcance que esta definição possui na investigação de dois importantes expedientes teóricos de sua metafísica: a sistematização das noções gerais do ente e a relação entre o intelecto divino e as coisas naturais. Esta é a principal discordância existente entre minha interpretação dos textos lidos em conjunto com

aquelas apresentadas pelas duas interpretações aqui consideradas. Além da discordância, ressaltar a importância da definição de verdade mais apropriada parece ser um ganho exegético adicional para os estudos da noção de verdade em Tomás de Aquino.

Abstract: This paper aims to analyze the definition of truth in Thomas Aquinas. In order to do so, it investigates two texts in which Aquinas examines the proper definition of truth. In addition to arguing that maintaining the exact definition in both texts is philosophically relevant, this paper presents and discusses the limits of two different reading options: Dewan's theological position and Aertsen's transcendental position.

Keywords: truth; Thomas Aquinas; definition; Metaphysics; *adaequatio*.

REFERÊNCIAS

Fontes primárias

TOMÁS DE AQUINO. *Quaestiones disputatae de Veritate*. Ed. A. Dondaine. Ed. Leon., vol. XXII.1-3. Roma: Editori di san Tommaso, 1972-1976.

_____. *Pars prima Summae Theologiae a quaestione I ad quaestionem XLIX*. Opera omnia iussu impensaue Leonis XIII P.M. edita, vol. IV. Roma: Typographia Polyglotta, 1888.

_____. *Suma Teológica*. Trad. de Alexandre Correia Revisão da tradução por Luis Alberto de Boni. 3. ed. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. v. 1.

_____. *Questões Disputadas Sobre a Verdade I, 1 de Tomás de Aquino*. Tradução e Notas por Márcio A. Damin Custódio e Matheus B. Pazos de Oliveira (em preparação).

Fontes secundárias

AERTSEN, Jan. *Medieval Philosophy and the Transcendentals: The case of Thomas Aquinas*. Leiden; New York: Brill, 1996.

_____. Is Truth Not a Transcendental for Aquinas? In: KWASNIEWSKI, Peter (ed.). *Wisdom's Apprentice: Thomistic Essays in Honor of Lawrence Dewan, O.P.* Washington: The Catholic University of America Press, 2007, p. 3-12.

_____. *Medieval Philosophy as Transcendental Thought: From Philip the Chancellor (ca. 1225) to Francisco Suárez*. Leiden; New York: Brill, 2012.

CALMA, D. *Le poids de la citation: étude sur les sources arabes et grecques dans l'oeuvre de Dietrich de Freiberg*. Fribourg CH: Academic Press Fribourg, 2010.

DE LIBERA, Alain. De la lecture à la paraphrase: remarques sur la citation au Moyen Âge. *Langages*, 73, 1984, p. 17-29.

DEWAN, Lawrence. Is Truth a Transcendental for St. Thomas Aquinas?. *Nova et Vetera (English Edition)*, v. 2, n. 1, 2004, p. 1-20.

PAZOS, Matheus. *Secundum praeconceptionem intellectus divini: ideias divinas e a noção de verdade em Summa Theologiae, I, 16, 1. Dissertatio (UFPel)*, v. 47, 2018, p. 173-186.

WIPPEL, John F. Truth in Thomas Aquinas I. *Review of Metaphysics*, v. 43, n. 2, 1989, p. 295-326.